

Introdução à Arqueologia portugalense

NAS breves notas que se seguem daremos um resumo dos achados que, feitos no Pôrto e arrabaldes, documentam as fases pre- e proto-historicas da occupação do territorio portugalense.

Da bibliografia sôbre o assunto destacam-se: «*As póvoas maritimas do norte de Portugal*» de A. Sampaio e um artigo do Dr. José Fortes, sôbre arqueologia gaiense, publicado em *Mea Villa de Gaya*; nos *Portugaliae Monumenta Historica* encontram-se em muitos documentos interessantes sugestões toponimicas.

Como é natural faltam achados no centro da cidade, dado o antigo e denso aglomerado de construções que o occupam, mas aumentam para a periferia, de modo a cercá-lo por um cinto de estações arqueologicas, por enquanto incompletamente exploradas. Assim nada sabemos âcerca do antigo nucleo castrejo antecessor do *Portugale castrum novum*, que teria porventura occupado o alto de Pena Ventosa.

Muitas vezes refere-se a toponímia a monumentos já desaparecidos, ou de que restam alguns vestigios, conservando-se esses nomes na tradição oral e nos textos.

Assim, no *onomastico pre- e proto-historico* temos: *Antas* no Pôrto, *Anta* na Maia e Espinho, *Antinhas* em Perafita, *Arcas* em Avintes, *Mãmoa* em Baltar, *Craсто* em Custoias, S. João da Foz, Gondomar, Oliveira, Mafamude, Madalena, Valadares, Perosinho, Pedroso, etc.; os *Castêlos* de Guifões e da Maia; o *Castello* de Santa Marinha (Gaia); *Crestins*, *Crestuma*, etc.

Estas ultimas designações, que veem de *castrum* e do diminutivo *castellum*, indicam em geral estações pre-romanas ou romanizadas, constituindo a chamada *cultura dos castros* do norte do país.

Ao *paleolitico inferior* (pedra lascada) pertence a estação de superficie de Trincheira (Ervilha), onde F. de Vasconcellos encontrou, numa trincheira aberta durante o cêrco do Pôrto, algumas quartzites e outras

rochas lascadas parecendo apresentar vestigios de trabalho intencional.

Outros objectos foram também por êle encontrados nas aluviões antigas entre Paços e Castelo do Queijo.

Estes instrumentos não bastam para provar a existência do homem paleolitico, por serem algum tanto duvidosos, e em numerosas pesquisas

gues descoberta por M. Sarmiento; para leste fica o dolmen de Baltar, precioso pelas pinturas nêle descobertas pelo Dr. Mendes Corrêa, ao qual se ligam depois os dolmens de Penafiel. Em Santa Justa apareceram alguns machados de alvado, provavelmente da idade do bronze.

A estação *luso-romana* mais notável é sem dúvida o castro de Guifões. A mais antiga referência — *Castro Quiñones* — encontra-se nos P. M. H. *Diplom. et Chartae* l num documento de 1047. Este monte, conhecido pelo Castêlo, fica sobranceiro ao Leça no sítio onde êste rio é atravessado por uma ponte de pedra, como dizem as *Memorias paroquiaes* de 1758: «... e junto da dita ponte se acha huma bouça de matto, carvalhos e pynheiros que cavando-se na dita bouça se achão vários pedaçoes de tijolo, e algumas pedras lavradas medidas debaixo da terra, onde se infere que fôra antiga morada de mouros» (Arq. Pot. IV).

Esta tradição do monte ter sido occupado por mouros foi tambem recolhida pelo Dr. J. Fortes, e é muito vulgarmente conservada pelo povo, que dela se serve para designar tempos remotos.

Foi o sábio arqueologo Martins Sarmiento quem primeiro reconheceu êste castro, visitou-o o Dr. Leite de Vasconcelos e exploraram-no parcialmente o Dr. J. Fortes e Rocha Peixoto, tendo ficado ineditas as suas observações. Modernamente fizeram algumas pesquisas o Dr. M. Corrêa e o autor.

Ao cume do monte vai dar uma calçada, vendo-se na planura os camalhões de casas na maioria circulares (caracteristicas dos castros do norte do Douro) e pela encosta restos de construções defensivas, aproveitando os acidentees de terreno.

A ceramica exumada permite distinguir duas civilizações, uma *pré-romana*, com louça rude e alguma *ceramica ibérica* segundo B. Gimpera (M. Corrêa, *Povos primitivos da Lusitania*, passim), e a outra *luso-romana*. Entre esta que é a mais abun-



Estações arqueológicas portugalenses

feitas por vários observadores não terem aparecido mais calhaus lascados.

Ao *neolitico* (pedra polida) pertenciam as antas ou dolmens indicados pela toponímia, e numerosos megalitos do morro de S. Gens já destruídos. A eles se refere uma carta publicada na *Thebaida Portuguesa*, segundo cita Sá Vilella (Os Dolmens); e o Dr. Souza Torres viu alguns utensílios neolíticos lá recolhidos, de que não se sabe o paradeiro. Dêste período será uma machadilha de pedra encontrada em Guifões por M. Sarmiento. Um documento de 1038 (P. M. H.) refere-se a uma *mamola de adaulfi* em Perafita, a que talvez se ligue a designação de Antinhas lá recolhida por M. Sarmiento (Arq. Port. VI).

Do Monte Murado (Pedroso) descreveu o Dr. J. Fortes dois machados polidos chatos, uma goiva e uma faca de sílex; em Vilar do Paraíso supunha êle ter existido um dolmen.

Como se vê são escassos os achados desta época; nos arredores porém encontram-se: para o norte as necropoles do Monte Grande, Canidelo e Fornelo estudadas por R. Severo, Ab. Souza Maia e F. Pereira, e a de Tou-

dante, aparece: *terra sigillata*, louça vermelha, brilhante como a cera de lacrar e com alguns ornatos moldados; cerâmica pintada, louça negra com ornatos geométricos feitos à cana, pesos de barro para tear, muitos fragmentos de telhas de rebordo (*tegulae*) e de canal.

São freqüentes as mós manuais, compostas de duas peças uma girante e outra dormente; no Museu Municipal do Pôrto conserva-se uma sepultura de granito. Na encosta de nascente encontra-se enterrado um marco cilíndrico, com 55^{cm}. de alto e 38^{cm}. de diâmetro, assemelhando-se na forma a uma base de miliário.

De metal apenas se conhece um alfinete ou *fibula*, dum tipo semelhante ao de Briteiros, descrita pelo Dr. J. Fortes na *Portugalia* II.

Do castro de Gondomar vi no Museu Azuaga a parte fixa dum triturador em granito, decerto pre-romano.

No castro do Monte Murado (Pedroso) segundo o Dr. J. Fortes as casas são rectangulares, encontrando-se telhas, mós, pregos, etc.

Os achados feitos em S. Martinho do Campo, Vandoma e Valadares são em pequeno numero; dos outros castros resta apenas a indicação topográfica.

Tem afinidades com Guifões o castro de Alvarelos (seculos III e IV), onde também aparece *terra sigillata*, e talvez alguns de Penafiel; os das margens do Ave são em geral mais antigos, alguns mesmo pre-romanos, e a cerâmica difere da dos primeiros por ser bastante micácea.

Conhecem-se algumas *necropoles luso-romanas*, sobretudo de cremação.

A do Monte do Penouço, Rio Tinto, estudada por R. Severo na *Portugalia* II, deu além de cerâmica vulgar

e *terra sigillata*, um botão de metal e três lápides funerárias dedicadas a membros da família RVFA.

De Santa Justa guarda-se no Museu Municipal do Porto uma lapide funerária de lousa (seculo III?).

No cemitério de incineração do Monte Sameiro (Valadares) recolheu o Dr. M. Corrêa um variado espólio do seculo II, incluíndo lucernas, vasos de vidro e cerâmica pintada, que, segundo Bosch Gimpera, representaria uma sobrevivência de antigos motivos ibéricos (*Rev. de Estudos Históricos*, I).

No Monte da Vela (Gulpelhares), explorou o Dr. J. Fortes o maior de todos, contando cêrca de cem sepulturas de inumação dos seculos III e IV, onde recolheu 181 vasos (Museu Azuaga), alguns de fabrico manual muito primitivo, e um lindo conjunto de objectos de bronze: fibulas, alfinetes e pregos (talvez votivos), que está depositado no Museu da Faculdade de Ciências do Pôrto.

Aproximadamente da mesma época deve ser uma sepultura do Monte Murado (Pedroso), descrita pelo mesmo arqueologo, que era construída de *tegulae* e onde se encontraram dois vasos e um fragmento de pedra lavrada.

Em Parada Todeia (Cette) explorou o Dr. M. Corrêa um cemitério de cremação do seculo IV, que deu um interessante anel; e que, pela necropole de Galegos, vai ligar às do concelho do Marco de Canavezes.

Contemporaneos destes são também os cemitérios de incineração de Guilhabreu, Alvarelos e S. Cristovão do Muro, de que se encontraram casualmente algumas sepulturas.

Observando o mapa vê-se que, além das estações luso-romanas do litoral ligadas na maioria à via militar de Coímbra a Braga, há uma série

delas para leste, que se espalha depois pela região metalífera dos arredores de Penafiel.

Encontram-se vestígios de *explorações mineiras* nos fojos da Serra de Santa Justa (Valongo) e proximo de Aguiar do Sousa.

Não restam vestígios das *vias romanas* passando pelo discutido *Portucale locum*, que, como veremos mais adiante, talvez ficasse na Arrabida. Conta o P. Capela (*Miliarios do Conv. Brac.*) que um *miliario* achado em S. Mamede fôra partido para aproveitar a pedra. Dessa mesma via, que conduzia a Braga, é o miliário de Alvarelos do tempo de Adriano (seculo II).

Possivelmente se refere a uma estrada romana a designação *Via Veleris*, que aparece nas inquirições de D. Afonso III (*P. M. H. Inquisitiones* IV pag. 486), a qual começava no lugar da Arrabida (o *Portucale locum*?) atravessava o Leça em Custoiás, talvez numa ponte ainda existente, seguia por *Petras Veyras* (P. Rubras) *Mola Olivarum* (Modivas), passava: *inter Fajozes et Vayram subltu casttrum bovis* (M. do Crasto, Vairão), por *Manzanariam* (Macieira) e como diz o texto: *deinde quomodo intrat in fluvio Ave*. A êste lugar corresponde uma ponte romana ou românica, conhecida noutras inquirições por ponte de *domno Zameiro*.

✱

Se estes documentos não esclarecem definitivamente as fases por que passou o aglomerado urbano, que é hoje o Pôrto, permitem-nos entretanto, associados com os belos estudos de A. Sampaio, formar uma ideia desta evolução.

RUY DE SERPA PINTO.

O commercio do Porto em 1821

QUANDO em Outubro de 1821 chegou ao Porto a noticia da entrada em Lisboa da Junta Provisoria do Supremo Governo, resolveu o corpo commercial portuense que no dia 22 d'esse mez se celebrasse missa solemne com sermão e *Te-Deum*, escolhendo-se para o acto o templo dos monges de S. Bento da Senhora da Victoria. Fizeram-se convites especiaes, como de distincção ás pessoas a quem foram dirigidos, entre os quaes os Bispos do Porto e de Cabo Verde, visconde de Balsemão, visconde do Real Agrado, Governador das Justiças e Armas, Chefe de Marinha, Chanceler da Relação e várias auctoridades.

Na vespera embandeiraram em arco os navios surtos no Douro, salvando com vinte e um tiros: *Constituição*,

Flôr de Amizade, Justo Despique, Annibal, Conde d'Arcos e Fama. Repicaram os sinos de todos os templos. A' noite illuminou-se parte da cidade, queimou-se fogo do ar e das torres dos Benedictinos choveu uma grande profusão de fogo de côres, etc.

No domingo, perante todas as auctoridades e convidados, realisou-se a solemne festividade, com o concurso dos consules estrangeiros, nobreza e povo.

N'esse acto, notou-se com satisfação que muitos commerciantes e convidados se apresentassem vestidos de manufacturas nacionaes.

Foi celebrante da missa o abbade do mosteiro e orador Frei Antonio de

Santa Barbara, da Congregação dos Agostinhos Descalços, e a orchestra executou peças de auctores portuguezes, terminando com o *Te-Deum* do mestre da capella Antonio da Silva Leite.

Para solemnizar o acto, foi distribuido um jantar aos presos e aos varios estabelecimentos, ao todo em numero de 875, assim divididos: Recolhimento dos entrevados de Santo Ildfonso, 118; aos entrevados do Terço, 26; aos Lazaros e Lazaras, 37; ás velhas das Dôres, 15; ás da Cordoaria, 37; ás de Pena Ventosa, 12; aos Meninos Desamparados, 38; Seminario do Paço da Marqueza, 80; Refugio das convertidas, 80; e cadeia, 432.

CATÃO SIMÕES.